

「 prosa/não ficção 」

Laura
Del Rey

Olhos de viagem

Penso na carroceria de uma picape imensa, desproporcional, carregando caixas sobre caixas com memórias de lugares. Uma picape espacial, que anda sem mexer as rodas, cujo registro foi encontrado em um backup de Deus, na pasta “vida após a morte”. Nas caixas, lembranças de lugares que o motorista da picape conheceu bem, ou que conheceu de passagem. Nos quais foi um viajante procurando surpresas, ou um turista encontrando o que já esperava. A picape, que quanto mais me esforço para enxergar, menos imensa parece, também leva caixas sobre caixas com memórias de locais em que o motorista nunca esteve. É neste detalhe que minha atenção se fixa. Penso nos lugares que quis muito conhecer, e no que sabia deles antes mesmo da minha chegada.

■ ■

Uma imagem ao lado de uma palavra, primeiro uma e depois outra. Uma imagem ao lado de uma palavra, uma querendo se conectar à outra. Uma imagem ao lado de uma palavra, uma repelindo a outra. Um retrato de uma pessoa ao fundo de um retrato de uma pessoa. Um trajeto, clássico e importante, que já não se faz mais. A Transiberiana, que ainda se faz. A expressão “no meu tempo” — qual?

■ ■



A vida como um filme de estrada, e não sei se mais levamos memórias dos lugares ou se mais deixamos nossas velhas caixas neles, espalhadas. Os humanos e o seu gosto pelas sobras, excessos; não seria diferente com os lugares. Viajar começa antes de estar, e perdura. Viajar é levar para os espaços desconhecidos um monte de caixas e palavras.

Penso em Portugal, esse país com que convivia muito antes de pisar nele. Que, ainda, foi imaginado em livros, e estudado em planos de filmes aos quais, à medida que envelhecia, mais me afeiçoava. Portugal que eu me propus a registrar em fotogramas, provavelmente querendo encontrar o familiar e também a novidade. Quando, por fim, chegamos a esses espaços, ainda existe margem para a novidade? E o que, independentemente do que já sabíamos, pode ser familiar sem nunca ter sido olhado de perto, em um dia particular?



Escolhi fotografar Portugal em formato cinematográfico: uma câmera simples, de plástico, que sequencia fotogramas horizontais no negativo à medida que uma manivela da câmera é girada. Uma câmera em que a laçada do filme é feita à mão; uma câmera que, se estragar, eu mesma conserto — e isso me acalma. A velocidade do giro na manivela determina um efeito de movimento mais preciso ou a perda, justamente, dessa continuidade. Um registro gestual. Cada rolo é como ter um filme curto, ou como ter dezenas de imagens separadas.

Não sei entender ainda o que trouxe dessa viagem para casa, alguns negativos e cromos revelados e escaneados; imagens esboçadas de antemão, mas que não podem fugir ao seu sentido de registro doméstico. Não podem, porque estão impregnadas de sua intenção e de sua estética.

Penso de novo na memória. Se fosse possível lembrarmos quando quiséssemos: o dia está cinza, o ar não circula, as ideias também paradas (ou, pior, girando em torno de algo que já não nos interessa). E então chegaria, nítido, o prazer daquele fim de tarde nas férias de um tempo atrás. As feições do senhor na cafeteria, na mesa ao lado, com seus olhos pequenos para um bigode tão grande, que naquele instante completavam a atmosfera das ruas de paralelepípedos, do sol diagonal que não

cuidava de esquentar as sombras e do cappuccino tomado. Aquela cidade que, finalmente, depois de alguns dias, saía do estado de descoberta para permitir rotinas sutis. Se fosse possível. Mas o ar está parado e não seria por essas sensações, ou outras tão prazerosas quanto, que a cabeça escolheria passear. A memória sempre guarda novidades, cuja potência o registro familiar tenta, de certa forma, antecipar.



Desde os anos 20, mais ou menos, há algum tipo de cinema amador no Brasil, coincidindo com a chegada de câmeras mais leves e mais baratas. O meu avô fazia filmes domésticos, a que eu nunca assisti. O meu pai fazia animações de massinha em um estúdio caseiro, que eu também nunca vi. Em 2016, com um celular e uma boa câmera digital à disposição, o que eu procurava nas texturas dos negativos e no girar, girar da manivela?



É comum que se refiram à arte, à poesia, como possibilidades de alargar, transcender ou suportar a vida. Mas não se fala tanto sobre os momentos em que, em vez disso, a beleza tem o efeito de escancarar o vazio da vida palpável. Há verdade nisso, e há muita verdade em seu contrário. O registro doméstico, nem sempre de forma intencional, traz para a autobiografia uma grande carga poética. Não acredito em algo em que só um de nós possa pensar, mas acredito nas coisas que só um de nós pode filmar, ou escrever. Esses registros, ainda que assistidos ano após ano, passageiros da picape, vão sempre se transformar.



Havia dois assuntos inquietantes centrais sobre os quais pensei poder escrever. E então morreu Belchior — em um abril que, ao ritmo do anterior, já não estava dos mais calmos. Se formos atentos, sempre haverá, em algum quarteirão perto de casa, aos domingos, um lugar de onde vem o som: pará pará pará pa-rá pá-rá-rá, cantando o que já sabemos: é impossível ser feliz sozinho. Quantos lugares, neste domingo, vão tocar

Belchior? A cidade de São Paulo, tão familiar, e a cidade de São Paulo no dia em que morreu Belchior.



Nos fotogramas de Portugal, uma série de lugares que eu já havia visto nos filmes. Qual sentido haveria em fazer seus caminhos de novo, ou qual sentido haveria em fazer percursos diferentes? Cada filme realizado em uma data, as datas somando décadas de uma Lisboa imaginada. E, no dia em que chegamos, chovia. Um dia em especial, e minha mãe usava um casaco preto sem muita convicção da sua necessidade — não era muito mais que isso que podia ser registrado.



Penso de novo no backup de Deus, no qual talvez os meus filmes, que ainda não entendi, já estejam editados. Em uma das pastas, o dia em que visitamos as ruínas da Igreja do Carmo; suas colunas que não sucumbiram à sucessão de terremotos e incêndios que destruíram quase toda a capital. Era 1755. Penso que não quero que essa memória de 2016 se perca, estar lá dentro andando, nesse esqueleto de uma presença, em uma das sete colinas da cidade. Um dentro que não existe exatamente, porque condicionamos o dentro aos tetos, que não está.

Volto para os arquivos materiais, que não são de Deus, e percebo que esse dia eu girava a manivela com mais calma. (Já sabia que queria não perder essa memória, de estar lá dentro andando, nesse esqueleto de uma presença, em uma das sete colinas da cidade?)



Enviei alguns postais, na época, uns de que consegui gostar. Descrevi e desenhei doces, azulejos, falei do sotaque. Quem viaja tem sempre menos e mais saudade. Se pudesse, teria enviado um filme e um projetor para cada amigo, com fragmentos desordenados.

Sentir que um lugar só existe de fato quando se pode estar nele, ou falar dele, com alguém. Sentir que é impossível ser feliz sozinho, e guar-

dar caixas, ou amarrá-las bem, para não tombarem. Da picape. A picape que, quanto mais me esforço para enxergar, menos imensa me parece. A picape que já leva o casaco preto da minha mãe, que ela usava sem muita convicção da sua necessidade. ■

Este texto é parte de um ensaio maior, em desenvolvimento para o roteiro do curta-metragem *Graúdos e Miúdos*. As imagens que ilustram esta publicação são parte desse projeto.

Laura Del Rey

Graduada em Cinema, atua como escritora e fotógrafa. Em 2015, publicou o fotolivro *Hart*, em parceria com Alziro Barbosa, e, em 2017, publicou a crônica “Sobre ser uma linha”, com ilustrações de Gui Athayde. Teve trabalhos fotográficos expostos no Brasil e no exterior. Coordena a editora Incompleta, colabora com textos e entrevistas para a revista *OLD* e cursa a pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz. É editora da revista trimestral *Puñado* e ministra oficinas curtas de criação.